

## O que é uma vinha velha no Douro?

O setor vitivinícola da região prepara-se para discutir a criação da menção «vinhas velhas», para utilização na rotulagem dos vinhos DOP Porto, DOP Douro e IGP Duriense. É um repto lançado pelo IVDP.

A «vinha velha» é um assunto querido aos viticultores profissionais que constituem a ProDouro e em devido tempo entregamos em primeira mão ao IVDP um relatório intitulado «vinha velha — contribuição para a discussão de um novo predicado de vinho na RDD». Mais tarde partilhamos o nosso ponto de vista com os assinantes da nossa *newsletter* e com os participantes no evento público que organizamos no passado mês de Fevereiro no Museu do Douro, na Régua.

Enquanto associação de viticultores profissionais preocupa-nos a valorização e o consequente desejo de preservação da «vinha velha» do Douro e, por isso, voltamos hoje ao assunto, preocupados por saber que o critério «idade» pode simplificar-se ao ponto de consentir nele qualquer vinha que tenha mais de 50 anos. Seria um critério cómodo, mas pouco seletivo. Nele caberiam, por exemplo, os chamados «patamares pré-PDRITM» e para a ProDouro seria um erro distinguir tais vinhas.

A ProDouro sabe quais são as vinhas que devem ser protegidas através da classificação «vinha velha» e por isso propõe sem meias-medidas que **Vinha Velha na RDD seja uma vinha plantada até ao ano 1965**. Aí cabem todas as vinhas segundo o modelo comum «socalco pós-filoxera», embora, por razões de topografia do terreno, nem todas elas estivessem à nascença obrigadas à construção de socalcos suportados por muros de pedra posta.

Vamos agora explicar a razão para o ano 1965 na definição de vinha velha e quais as vinhas abrangidas, ou seja, aquelas que mais queremos valorizar e preservar e capazes de produzir os vinhos com carácter «vinha velha».

A vinha velha corresponde a sucessivas vagas pós-filoxera de plantação de videiras, sendo consideradas «primeiras vinhas pós-filoxera» as que foram plantadas anteriormente a 1934, ano em que pelo Decreto n.º 23590, de 22 de Fevereiro de 1934 se «proíbe em todo o Continente a plantação de novas vinhas», e pelo Decreto n.º 24340, de 10 de Agosto de 1934, se «manda proceder à organização do cadastro das propriedades existentes na zona demarcada do Douro». Tais vinhas encontram-se no primeiro Cadastro Vitícola da Casa do Douro.

Se fizéssemos coincidir o conceito «vinha velha» com estas «primeiras vinhas pós-filoxera» poderíamos expulsar muitas das vinhas que hoje são: (1) uma referência para a viticultura no futuro; (2) um repositório inestimável do património genético das castas nativas e tradicionais; (3) a base de vinhos considerados extraordinários quer para DOP Porto, quer para DOP Douro; (4) um inquestionável modelo de vinha do ponto de vista vitivinícola e cujo valor paisagístico valeu a classificação do Alto-Douro vinhateiro Património Mundial.

Mas, então, qual a razão para o ano 1965?

O Decreto - Lei n.º 46256, de 19 de Março de 1965 «suspende as autorizações para novas plantações de vinha, regulamentando a sua reconstituição e transferência». Contudo, após

publicação deste Decreto-Lei foram plantadas ilegalmente muitas vinhas a maioria das quais viria a ser legalizada pela Lei nº 48/79, de 14 de Setembro.

Na década de 1970 surgiram inclusive novos modelos de vinha e sobretudo entre 1970 e 1974 surgiu o chamado «patamar pré-PDRITM», que apesar da sua idade, não tem a velhice daquelas ditas «vinha velha» e sobretudo transfigura o modelo de vinha notável até aí existente.

Se considerarmos 1965 o ano até ao qual foi plantada uma vinha hoje considerada «vinha velha» e fizermos as contas na vindima de 2019, a mais nova vinha velha tem 54 anos e o modelo de vinha maioritário é o chamado «socalco pós-filoxera». Incluem-se ainda as magníficas vinhas que conservam a arquitetura do terreno reconhecida como «socalco pré-filoxera», em que é vulgar uma única linha de videiras por socalco e uma densidade de plantação menor.

As vinhas pós-filoxera, ditas «vinha velha», obedecem à unicidade de um modelo de vinha cuja marca distintiva (mas não exclusiva) é a arquitectura do terreno em socalcos suportados por muros de pedra posta.

O modelo contempla:

- A multiplicidade de castas, sendo dominantes, senão exclusivas, as castas nativas e as tradicionais. A mistura de castas é intencional e, em vinhas de uva tinta, pode incluir uma certa percentagem, por norma baixa, de castas de uva branca. A vinha não é regada.
- As videiras foram plantadas segundo bardos que correm paralelos aos muros do socalco e são conduzidas de forma baixa e aramada.
- O compasso de plantação é variável, mas segundo Álvaro Moreira da Fonseca o mais comum é entre 1,45m<sup>2</sup> e 1,74m<sup>2</sup>, sendo considerada mais vulgar a distância 1,32m (6 palmos) de bardo a bardo e 1,10m (5 palmos) no próprio bardo.
- A entrelinha é irregular pois é aquela que melhor divide a largura variável do socalco num número certo de bardos. A elevada densidade é característica do socalco pós-filoxera.

O ano 1965 constitui um marco de viragem da viticultura no Douro e só as vinhas plantadas até esse ano devem hoje ser consideradas «vinha velha». Foi a partir desse ano que se generalizou a substituição dos muros de pedra posta por taludes em terra.

Não vamos precisar tão cedo de rever o ano-marco. Se distinguirmos as vinhas que a ProDouro propõe classificar «vinha velha», isto é, aquelas comprovadamente plantadas até 1965, daremos um passo certo na valorização e preservação de um património vitícola extraordinário e único no mundo.